

A arte minimalista de Arvo Pärt

Mario Sergio Conti

Folha de S. Paulo, 3.out.2025

Sua música, entre vanguarda e retaguarda, é o novo e o nada

Bachtrack é uma organização que todos os anos tabula apresentações de [música clássica](#) ao redor do planeta. No ano passado, pesquisou 30.774 concertos, óperas e recitais em 48 países, anotando repertórios e regentes. Como acontece desde o começo do século, os dois compositores contemporâneos mais tocados em 2024 foram John Williams e Arvo Pärt.

O americano John Williams, de 93 anos, todos conhecem. Compositor predileto de Steven Spielberg, fez a trilha sonora de "Tubarão" e "Guerra nas Estrelas", "Jurassic Park" e "Harry Potter". Ganhou cinco estatuetas do Oscar e contêineres cheios de barras de ouro —não por ser clássico, e sim um fenômeno pop.

O [estoniano Arvo Pärt](#) é um fenômeno de outra cepa. Seu universo sonoro é o do erudito puro, duro e cabeludo: começou a compor à sombra do sistema dodecafônico e enveredou pelo minimalismo. Embora não tenha nada a ver com Arnold Schoenberg ou John Cage, pertence ao mesmo clã.

Tem também um pé no pop. À la Williams, compôs pencas de trilhas sonoras, mas só na juventude. Como Tallinn não é Hollywood, ninguém o notou. Abandonou as trilhas, mas o cinema foi a ele. Diretores de primeira puseram Pärt em filmes: Terrence Malick em "Além da Linha Vermelha", Gus van Sant em "Gerry", Paul Thomas Anderson em "Sangue Negro".

Seu 90º aniversário, no último dia 11 de setembro, foi festejado urbe e orbe. Urbe: o Arvo Pärt Centre, um complexo com auditório, biblioteca e escola numa floresta, dedicou a ele um ano de concertos. Orbe: o Carnegie Hall, em Nova York, programou uma dúzia de apresentações em sua homenagem.

Por que o auê? Porque no ambiente rarefeito da música clássica contemporânea, desde sempre avessa a hipérboles, ele é tido como o maior compositor vivo. Além do que, sua trajetória sintetiza contradições várias, retaguarda e vanguarda.

Trajetória, aliás, encerrada. Há anos não compõe nem aparece em público e, segundo o New York Times, padece de declínio cognitivo. "Sua alma está num lugar feliz", disse seu filho Michael ao jornal. "Ele apenas é."

Frases assim, metidas a metafísicas, definem sua personalidade.

Ele começou a compor quando a [Estônia](#) era uma república soviética. Na estética stalinista, a [música](#) tinha de ter feições neoclássicas e pelejar pelo bem da pátria socialista —e ele uma vez fez um "happening" no qual simulou pôr fogo num violino. Passaram a desconfiar dele.

Desconfiança corroborada pelas suas peças seriais de 1968, que a burocracia soviética associou à pestilenta decadência burguesa. Marginalizado em casa, e reticente em relação à vanguarda europeia, cujos impasses logo percebeu, Pärt entrou em pane. Parou de compor por sete anos e se enfronhou na Bíblia, na música renascentista, no canto gregoriano, em Bach.

Saiu da crise outro artista. Converteu-se à Igreja Ortodoxa, tornou-se místico, anti-intelectual, antimoderno e —ainda assim; ou por isso mesmo— um inovador radical. Datam dessa época, meados dos anos 1970, as obras que fizeram sua fama: "Für Alina", "Fratres", "Tabula Rasa", "Spiegel im Spiegel".

Como a fama era boa no exterior e ruim na Estônia, exilou-se em Berlim.

Ele inventou um método de composição que, segundo os entendidos, é também estilo, o "tintinnabuli" ("pequenos sinos", em latim), que combina vozes díspares. Em miúdos, é uma música ascética, lentíssima, nua, repetitiva, de dureza e clareza cristalinas. Não narra nem progride, não se desenvolve nem conclui, é estática. Hipnótica, pode ser ouvida com interesse e agrado por horas, e nem por isso se lhe apreende o sentido.

Se lhe cabe um rótulo, é música minimalista, mas antagônica ao minimalismo quente, eloquente e sincrético de um Philip Glass. Ela como que vai à alma do bate-estaca tecno de um alucinado DJ em Ibiza, e ali busca a elevação, a pureza e, em vez de se espojar na algaravia do mundo, aspira ao silêncio, ao além, ao nada —o que não deixa de ser uma forma de resistência à vida contemporânea, se bem que alienada.

Em sendo assim, é uma música que faz a delícia dos religiosos, a começar por Bento 16, que a venerava. Sua ambiguidade também explica que teóricos como Alain Janot tenham passado da admiração extremada para a invectiva de "'new age' disfarçado" —uma rombuda forçação de barra.

O próprio Janot, porém, veio a matizar sua crítica, concluindo que, na [arte](#) de Arvo Pärt, não é a presença do sagrado que nos toca, mas sua inacessibilidade. Ela transforma a ascese em cenário, a invenção em restauração, "faz com que a música fique inofensiva".